

Mulheres e a formação extensionista no Mês Feminino da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (décadas de 1920-1930)

Women and extensionist formation in the Feminine Month at the Viçosa College of Agriculture and Veterinary Science (1920s-1930s)

Monalisa Aparecida do Carmo¹
Universidade Federal de Viçosa
monalisacarmo3@gmail.com

Anderson da Cunha Baía²
Universidade Federal de Viçosa
andersonbaia@ufv.br

Resumo: O presente estudo teve como objetivo analisar a participação feminina nas ações extensionistas, especificamente no Mês Feminino, ocorrido na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), nas décadas de 1920 e 1930. Criada em 1920, na cidade de Viçosa, Minas Gerais, a ESAV teve seus pilares ligados ao ensino prático e extensionista, porém direcionado ao público masculino. Nesse contexto, as primeiras décadas do século XX no Brasil eram marcadas por um processo de redefinição dos espaços femininos, o que impactou na vida pública e no acesso à educação. Unindo os interesses extensionistas e as mudanças do período, observamos que os cursos de extensão da ESAV constituíram-se como uma importante possibilidade de formação ao público feminino, mesmo que voltados a profissionalização para o lar. Para atender aos objetivos colocados recorreremos à diferentes documentos institucionais: relatórios anuais, regimentos internos, mensagens oficiais e jornais.

Palavras-chave: ESAV; mulheres; formação extensionista.

Abstract: The present study had to analyze female participation in extension actions, specifically in the Feminine Month, at the School of Agriculture and Veterinary Science (ESAV) in the 1920s and 1930s. Created in 1920, in the city of Viçosa, Minas Gerais, the ESAV had its pillars linked to the practical teaching and extension, but aimed at the male audience. In this context, the first decades of the 20th century in Brazil were marked by a process of redefinition of women's spaces,

¹ Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

which impacted public life and access to education. Joining the interests in extension and the changes of the period, we observed that the ESAV extension courses constituted an important possibility of training for the female audience, even if they were aimed at professionalization for the home. To meet the stated objectives, we resorted to different institutional documents: annual reports, internal regulations, official messages and newspapers.

Keywords: ESAV; women; extension formation.

Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a participação feminina nas ações extensionistas organizadas na (e pela) Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV)³, nas décadas de 1920 e 1930. Criada em 1920, na cidade de Viçosa, em Minas Gerais, a ESAV teve seus primeiros anos marcados pela oferta de formação direcionada ao público masculino. A participação de mulheres foi se dando lentamente das mais diversas formas: na presença de funcionárias; na criação e na organização de uma Associação Feminina; e na atuação em cursos de extensão voltados à formação delas.

O acesso das mulheres à vida pública no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, foi marcado pela manutenção dos valores morais ligados à sua permanência nos cuidados do lar e da família (ALMEIDA, 2014). Diferentemente do período colonial, em que a saída do lar era uma forma de cumprimento das obrigações religiosas, a vida pública passou, no início do século XX, muito gradualmente, por redefinições que traçaram as mudanças de toda uma época. Ao passo que era preciso seguir a modernização acompanhada pela vida pública, necessitava-se evitar que a saída das mulheres ultrapassasse níveis que interferissem na formação da família e dos cuidados com o lar (MOTT e MALUF, 1998).

O dilema entre as possibilidades de participação das mulheres na vida pública advindas das alterações sentidas no processo de modernização e a resistência cultural que insistia na presença delas como as responsáveis pelo lar interferiram no acesso aos espaços educativos e, conseqüentemente, na profissionalização feminina (ALMEIDA, 2014). No ensino primário, as moças eram ensinadas a ler e a escrever, a fazer as quatro operações e, na sequência, a cozinhar e a bordar. Dependendo da condição social, algumas poderiam se dedicar a outras disciplinas; isso aconteceria, por exemplo, nos conventos, em que aprendiam música e latim (RABELO et al., 2015)⁴. Antes de 1930, eram poucas as mulheres que se diplomaram a partir do secundário, e, de acordo com Cunha (2000), o certificado de conclusão desse nível de ensino foi um importante meio de controlar o acesso às escolas superiores.

Barreiras como essa atrapalhavam tais mulheres de seguir uma trajetória escolar, o que explica a dificuldade de participação delas como alunas no ensino superior. Enquanto o nível primário e o secundário dos meninos eram preparatórios para ingressar nas faculdades, as meninas eram preparadas para servir o lar.

³ Atualmente a Instituição atende pelo nome de Universidade Federal de Viçosa.

⁴ De acordo com Angela Davis (2016), é importante levar em consideração fatores para além do gênero ao analisar os espaços sociais. Deve-se atentar para outras estruturas socialmente estabelecidas, como raça e classe, e, a partir disso, compreender as desigualdades sociais e os privilégios colocados a alguns grupos. Ao olharmos para os espaços formativos da ESAV no início do século XX, é possível afirmar que, ao longo desta pesquisa, referimo-nos a homens e mulheres brancos e brancas que faziam parte das elites, porquanto ingressar no ensino superior em um país que caminhava lentamente nos investimentos à educação era um grande privilégio.

Propomos nosso estudo a partir da análise da inserção da mulher na Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Criada na gestão do presidente do estado de Minas Gerais⁵, o viçosense Arthur da Silva Bernardes, a ESAV foi inspirada no avanço da agricultura e da veterinária dos Estados Unidos, o que levou Arthur Bernardes, em 1920, a solicitar ao embaixador brasileiro naquele país o envio de especialistas capazes de “fundar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola moderna, assim depois de dois outros nomes cogitados chegou-se ao Dr. Peter Henry Rolfs” (BORGES et al., 2006, p. 20).

Os interesses por um modelo de modernização agrícola somados à trajetória do especialista Peter Rolfs fizeram com que a ESAV se organizasse com base nos moldes das *land grant colleges*, criadas na segunda metade do século XIX por meio da Lei Morrill⁶. Elas foram escolas superiores agrícolas, localizadas no oeste e no meio-oeste dos Estados Unidos, que buscavam atender às demandas de fazendeiros quanto à formação dos jovens para agricultura. Marcado por uma noção de ensino prático, esse modelo ficou conhecido pela valorização da extensão, almejando aproximação dos conhecimentos teóricos e práticos (RIBEIRO, 2006).

Entre as décadas de 1920 e 1930, a ESAV distribuía-se no oferecimento de diferentes cursos. Em 1927 tiveram início os cursos breves (com duração de oito semanas), elementares (com duração de um ano), médios (com duração de dois anos) e superiores (com duração de quatro anos). Todos eles buscavam atender os homens e prometiam fazer dos filhos dos fazendeiros os grandes líderes da modernização do campo. Com base no modelo usado pela Iowa State College com os lemas *Learning by Doing* (Aprender Fazendo) e *Science with Practice* (Ciência com Prática), a Instituição se apoiou nesses princípios metodológicos para balizar seus cursos, acrescentando a busca por valorização das ciências agrárias à tentativa de romper a tradição brasileira de ensino exclusivamente teórico (AZEVEDO, 2005).

Portanto, os interesses de Arthur Bernardes por um modelo de modernização agrícola somados à trajetória do especialista Peter Rolfs definiram que a Instituição fosse organizada nos moldes das escolas agrícolas estadunidenses, marcadas por uma noção prática, de valorização da extensão, que aproximava os professores e os fazendeiros (RIBEIRO, 2006). É a partir da extensão como parte de um projeto educativo da ESAV que percebemos uma aproximação da Instituição com o público feminino.

Cabe ressaltar que a presença de mulheres na Instituição acontece desde antes da sua inauguração, em 1927. Já em 1924, foi criada uma Escola⁷ que se propunha a educar as filhas e os filhos dos operários que trabalharam na construção da ESAV e que tinha como professora contratada Belmira do Carmo⁸. Também encontramos, já no início das atividades da Instituição, a presença de Germana de Carvalho, admitida em 1929 para compor a equipe de funcionários da secretaria, e Hermengarda Gomes e Souza, admitida para ser sua auxiliar⁹. Ainda podemos citar as esposas dos professores, oriundas de diferentes países e de diferentes regiões do Brasil. Contudo, foi com a

⁵ Cargo atualmente denominado governador do estado de Minas Gerais.

⁶ A Lei Morrill, instituída nos Estados Unidos em 1862, buscava atender a demanda dos fazendeiros por uma educação vocacional aos jovens na agricultura (RIBEIRO, 2006).

⁷ A Escola Cooperativa foi criada em 26 de fevereiro de 1923, com o objetivo de atender empregados da ESAV e seus filhos e filhas. Funcionou no formato de cooperativa, com o pagamento dos funcionários a uma caixa beneficente direcionada a demandas básicas, como assistência médica, medicamentos e educação (AZEVEDO, 2005)

⁸ Com base na documentação analisada para este estudo, não foi possível identificar referências à permanência de Belmira do Carmo após a inauguração da ESAV.

⁹ Hermengarda Gomes e Souza e Germana de Carvalho assumiram serviços tanto na secretaria quanto na manutenção do internato.

constituição da Associação Feminina¹⁰, composta pela maior parte dessas mulheres, que percebemos um maior tensionamento para que a Instituição as incluísse nos processos de formação. É pela extensão, pelo menos até que Liene Teixeira finalizasse um curso de graduação, em 1950, que podemos perceber a formação pensada e ofertada para as mulheres na ESAV¹¹.

O caráter extensionista e prático da formação proposta pela Instituição permitiu a realização dos primeiros cursos para mulheres: em 1931 o Curso Feminino Profissional e em 1935 o Mês Feminino. Ambos os cursos de extensão tinham atividades voltadas à profissionalização da atividade doméstica, entendida como papel feminino. Assim, de uma instituição marcadamente construída por e para homens, a ESAV vai, pouco a pouco, abrindo suas portas para a inserção de mulheres em diferentes espaços, inclusive nos de formação. Foi com base nesse cenário que surgiram as seguintes questões que orientam este estudo: como a extensão, parte central de um projeto de formação da Instituição, possibilitou a formação de mulheres? Como elas foram se inserindo e se organizando? Como se constituíam as propostas de formação para esse público? Como o Mês Feminino contribuiu para a inserção de mulheres na ESAV?

A partir dessas questões, propomos como objetivo analisar a participação feminina nas ações extensionistas, especificamente no Mês Feminino, da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), nas décadas de 1920 e 1930.

No intuito de dar conta desse objetivo, recorreremos ao Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa, órgão responsável por restaurar e preservar fontes sobre a ESAV, e ao Acervo da Biblioteca Central Professor Antônio Secundino de São José, da mesma Instituição. Inspirados em Certeau (2006, p. 81), para quem em história tudo começa com o gesto de separar, reunir e transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira, acessamos atas, informativos, relatórios e jornais.

Entre os materiais disponibilizados, voltamo-nos às fontes ligadas à administração interna, como os relatórios anuais, os regimentos internos e as mensagens oficiais que circularam entre 1927 e 1935. Também fazem parte do *corpus* documental o Estatuto da ESAV de 1929, o livro institucional de 1939 e os 36 exemplares do jornal institucional *Folha Rural*, que circulou entre o dia 1º de janeiro de 1935 e 20 de dezembro de 1936. Esse material nos permitiu identificar o levantamento dos nomes e organizações institucionais relacionados às mulheres e o detalhamento no que tange às informações sobre a realização e o andamento dessas atividades.

No processo de análise, essas fontes foram consideradas centrais para a produção e a sistematização do conhecimento histórico, que se dá por meio do levantamento, da catalogação, da identificação e da interpretação das fontes, etapas fundamentais à memória histórica (CASTANHA, 2008, p. 1). Foi possível perceber, a partir de suas análises, que as mulheres foram se inserindo em diferentes espaços da Instituição, incluindo os de formação.

Espaços ocupados pelas mulheres na ESAV

Do mesmo modo que Rolfs era estrangeiro, outros professores oriundos do exterior foram igualmente sondados para lecionar na Instituição. A contratação contava com uma seleção elaborada pelos dirigentes da Escola, e era preciso encontrar profissionais formados, experientes e habituados à

¹⁰ Criada em 31 de dezembro de 1936, a Associação Feminina “Effie Rolfs” foi uma organização beneficente construída e administrada pelas mulheres que frequentavam a ESAV. Ao longo deste estudo, discutiremos mais sobre esse espaço.

¹¹ A primeira aluna a concluir o ensino superior da Instituição foi Liene de Jesus Teixeira, no curso de Agronomia, em 1950.

vida no campo e ao ensino prático. Desse modo, nos primeiros anos, a Instituição contava com “docentes brasileiros, norte-americanos, alemães, russos e dinamarqueses, que muito auxiliaram para a instalação e equipamento de laboratórios e oficinas, de organização didática e de atividades nos departamentos e nas seções de trabalho da ESAV” (AZEVEDO, 2005, p. 130). No entanto, esse perfil adequado de professores não entendia as mulheres como uma possibilidade; não há relatos de professoras para ocupar os cargos. O corpo docente esaviano, nos momentos iniciais, foi exclusivamente composto por homens.

As mulheres que frequentavam a ESAV nos seus primeiros anos ocupavam cargos considerados aceitáveis a elas ou vinham acompanhadas de seus esposos, trazendo demandas por um estilo de vida semelhante ao que levavam em suas origens. A proposta para recebê-los precisava ser muito atraente, pois vinham com suas famílias para o interior de Minas Gerais para atuar em uma instituição ainda em desenvolvimento. Essa chegada acompanhada junto às famílias permitiu que as mulheres estivessem presentes desde o início das atividades na Instituição. Vivendo nos imóveis destinados aos docentes, tinham a ESAV como um verdadeiro quintal, uma extensão do lar (AZEVEDO, 2005).

Na ESAV, além das esposas de professores, encontramos Germana de Carvalho, admitida como funcionária em 1929 para compor a equipe de funcionários da secretaria. Germana inaugurou a presença feminina dentro dos cargos distribuídos por uma ESAV hegemonicamente masculina. Mais tarde, foi auxiliada por Hermengarda Gomes e Souza. Ocuparam também, em determinado momento, a função de administradoras do internato. Essas mulheres administravam o lar existente na Escola Superior: o internato era a casa de muitos estudantes que não podiam voltar para seus lares frequentemente¹².

Em contato, as esposas dos professores e as funcionárias da ESAV também se organizaram no ambiente masculino. Para o Natal de 1936, essas senhoras se reuniram durante as quintas-feiras para planejamento do evento. Em 31 de dezembro de 1936, juntamente com outras funcionárias da Instituição, não se conformaram em ficar apenas nesses encontros e, com o intuito de manter as reuniões, criaram a Associação das Senhoras da E.S.A.V. Porém, para homenagear a memória de Effie Rolfs, que almejava construir uma instituição beneficente, o nome passou a ser Associação Feminina “Effie Rolfs”¹³.

A presença dessas mulheres na ESAV somada aos objetivos extensionistas dessa Instituição permitiram a organização dos primeiros eventos para o público feminino. Na gestão do diretor João Carlos Bello Lisboa¹⁴, iniciada em 1928, visando o princípio de valorização do ensino prático, foi pensada a criação da Semana dos Fazendeiros e da Semana das Fazendeiras, seguindo as *Farmer's*

¹² A preocupação com uma formação prática e extensionista consolidou-se como um ensino em tempo integral, consequentemente criou-se uma infraestrutura para permanência desses jovens. Foi construído o serviço de dormitório, refeitório, lavanderia, assistência médica e internato, com um regime que buscava estender a formação dos alunos para além das aulas. Tais serviços, semelhantes aos necessários em um lar, podem ter sido um importante espaço para o ingresso profissional feminino. Até o primeiro semestre de 1928, o internato não havia sido finalizado, o que fez com que os alunos ficassem alojados provisoriamente no porão do prédio principal.

¹³ Effie Rolfs chegou ao Brasil em 4 de fevereiro de 1921. Na ESAV, buscou construir uma instituição beneficente, porém faleceu em Gainesville, na Flórida, em 31 de março de 1929 (PIONEIROS UFV). Em consequência da posição historicamente ocupada pelas mulheres, as poucas informações sobre ela estão muito vinculadas ao marido, Peter Henry Rolfs, uma vez que ele foi um dos responsáveis pela construção da ESAV.

¹⁴ Nasceu em Vassouras, no Rio de Janeiro, no dia 18 de agosto de 1892. Em 1922 tornou-se engenheiro auxiliar das obras de Viçosa. Importante auxiliar de Rolfs na consolidação da ESAV, trabalhou para transformar até mesmo os 90% de analfabetos e 100% de doentes que eram operários da Instituição. Contribuiu na construção da Escola e tornou-se professor de Engenharia Rural. Foi diretor da ESAV entre 1928 e 1936, quando encerrou seu contrato e tornou-se proprietário rural e industrial. Depois foi prefeito de Ubá e Uberaba. Faleceu em 13 de dezembro de 1973, em Belo Horizonte (BORGES et al., 2006).

Weeks criadas em 1914, nos Estados Unidos, pelos *land grant colleges*. A partir de 1931, diversos cursos de extensão foram ofertados ao público feminino como parte dessas ações extensionistas da ESAV, constituindo os primeiros espaços formativos institucionais que contemplavam as mulheres. Passaremos, a seguir, a abordar a criação desses espaços assim como a participação ativa das mulheres em sua constituição.

Os cursos de extensão e a formação para as mulheres na ESAV

Em julho de 1929, foi realizada, pela primeira vez, a Semana dos Fazendeiros¹⁵ com o intuito de manter o caráter prático da instituição e considerar as demandas apresentadas pelos fazendeiros. Contudo, em 1931 as mulheres ainda reivindicavam que a Semana das Fazendeiras fosse colocada em prática. Um regulamento criado pela Instituição em 1931 incluía oficialmente a Semana das Fazendeiras como ação a ser organizada pela ESAV.

(...) Art. 20. A Escola organizará, anualmente, as “Semanas dos Fazendeiros” e “a das Fazendeiras”, de acordo com o plano prévio que lhes der a Congregação.

Art. 21. A Escola organizará e fomentará a realização de exposições agrícolas, em sua sede ou fora dela, com o fim de divulgar bons produtos da lavoura.

Art. 22. Dentro das possibilidades, o estabelecimento, quando necessário e conveniente, organizará o ensino ambulante, visando melhorar as condições técnicas, econômicas e morais do povo rural, abrangidos por adultos e crianças.

Parágrafo único. A regulamentação desse serviço terá oportuna organização.

Art. 23. A Escola manterá o serviço de informações escritas e orais, devendo ser devidamente anotadas (DECRETO nº10.154, 16 de dezembro 1931).

No dia 1º de agosto de 1931, logo após o encerramento da 3ª edição da Semana dos Fazendeiros, foi oferecido um curso da ESAV para mulheres. O Curso Feminino Profissional contou com a presença de 13 senhoras. Durante seu discurso, Bello Lisboa ressaltou que aquele seria a base para outros na instrução feminina institucional.

(...)o Exmo Sr. Dr. J. C. Bello Lisboa, inaugurou o curso com palavras que se dignoravam do acontecimento, dando esperança a todos presentes que tais cursos seriam o núcleo da Instrução profissional feminina, desta escola, numa obra cuja influência, para o bem do Brasil, seria sentido em todos os pontos e que cuja magnitude só o futuro saberia (ESAV, 1931, s/p).

Lecionado pelo professor Albert Oliver Rhoad¹⁶, o tema da primeira aula do curso foi o seguinte: *As proteínas na alimentação humana*. As alunas fizeram uma observação de animais para constatar o papel das proteínas na alimentação e, em seguida, foram ao laboratório de alimentos, onde tiveram uma demonstração do valor das proteínas para os animais em crescimento. Após esse momento, foi realizada a distinção e a categorização de alimentos gordurosos. Mantendo o método

¹⁵ A Semana dos Fazendeiros segue acontecendo atualmente, está em sua 91ª edição e, apesar da expansão do evento, mantém os objetivos de aproximação com o meio rural.

¹⁶ Graduado pela Universidade da Pensilvânia e mestre em Laticínios pela Universidade Cornell, foi professor de Reprodução Animal e Manejo de Aves na Universidade dos Estados Unidos. Em 1929, iniciou-se na ESAV e assumiu o Departamento de Zootecnia (BORGES et. al., 2006).

Aprender Fazendo¹⁷, “a parte mais teórica da aula foi a explicação do modo pelo qual estes alimentos são aproveitados, rejeitados, armazenados e transformados e as partes digeríveis, no corpo do animal” (ESAV, 1931).

Não podemos deixar de lembrar que o corpo docente inicial da ESAV era exclusivamente masculino, assim como vale ressaltar que a ausência das mulheres como professoras no ensino superior é marcada pelo restrito acesso feminino aos cursos superiores (COSTA, 2016). Portanto, era compreensível uma figura masculina tratando de um tema útil ao que era proposto como tarefa feminina. Ou seja, a preparação para uma atuação mais científica ao espaço doméstico era, inclusive, pensada e realizada por homens. À mulher, nesses primeiros cursos da ESAV, caberia se valer da formação ofertada pelos professores da Instituição.

Havia um interesse da Escola em contribuir para a formação das mulheres do campo, a qual seria levada ao espaço privado, qualificando a função delas nos trabalhos do lar. Oliver e Silva (2007) ressaltam que a participação feminina nas escolas agrícolas não era comumente interpretada como fundamental para prover a modernização nacional: elas eram tratadas como colaboradoras do processo, uma vez que deveriam focar a educação dos futuros líderes agrícolas.

O diretor solicitou apoio do presidente do estado para que se realizasse a Semana das Fazendeiras, como atesta o trecho da carta ao presidente do estado de Minas Gerais, Olegário Maciel:

[...] Considerando que a mulher pode e tem muitas vezes que desenvolver ahi a sua actividade, cooperando vantajosamente para o augmento da nossa producção; [...] Considerando que nessa Escola já tem sufficiente desenvolvimento as secções de horticultura, avicultura, pomicultura- domínios intimamente affectos á acção da mulher-, para não falar na suinocultura, apicultura, floricultura, agronomia e pecuária, que também, muito de perto a interessam; Considerando que, em nosso meio, muitas são as senhoras fazendeiras que dirigem, em pessoa, os serviços de sua propriedade. A mulher mineira, convencida de que os ensinamentos ministrados na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, durante o curso dos fazendeiros, em julho, são de irretorquível utilidade prática e de real benefício á lavoura, representada pelas que abaixam assignam, vem á vossa presença, solicitar do patriótico e justiceiro espirito de V. Excia., a instituição na referida Escola, da Semana da Fazendeira, afim de que bebendo alli os preciosos conselhos que lhe serão dados por occasião dos cursos práticos sobre as questões que mais a interessam, passa estimular-se, desenvolver melhor a sua atividade, e mais efficazmente collaborar na obra benemerita da reforma de nossa agricultura- base do reerguimento e da consolidação de nosso aparelho econômico- alavanca poderosa que nos há de multiplicar as forças para bem alto levantarmos o nosso crédito (ESAV,1931, s/p).

Observa-se que é traçado um caminho para explicar a relevância de um evento dedicado às mulheres. A presença feminina ganha destaque no desenvolvimento do campo, e o documento mostra como elas atuavam firmemente na direção das fazendas, antes mesmo de possuírem uma formação específica para isso. O entendimento do campo como necessário ao progresso da pátria e a presença de mulheres como peças centrais no funcionamento das fazendas reforçaram a necessidade de a

¹⁷ Noção base para a metodologia aplicada na Escola, o Aprender Fazendo consolidou a proposta de ensino prático. Modelo usado nas quatro colunas de entrada da Iowa State College, nos Estados Unidos, a legenda *Learning by Doing* (Aprender Fazendo) e *Science with Practice* (Ciência com Prática), que foram lemas do ensino prático esaviano, permitiram um maior interesse e a adesão dos filhos de agricultores em meio a um processo de reconhecimento da técnica agrícola (AZEVEDO, 2005).

ESAV investir na formação desse público.

Apesar de maior boa vontade por parte do estabelecimento, ainda não foi organizado a “Semana das Fazendeiras”. Já houve autorização do governo, em atenção no abaixo assinado de 1100 senhores e senhorinhas mineiras, solicitando sua instituição. Estão sendo feitos estudos e preparativos e será iniciada a obra tão cedo, quando possível. Afim de melhor conhecimento do assunto em preparação, a “Semana das Fazendeiras”, foram dados, em 1931, 8 cursos às Exmas Senhoras e Senhorinhas, relacionando com o Estabelecimento. Além de se obter pratica sobre a “Instrução Profissional Feminina” poderão as senhoras dos professores e parentes auxiliar muito, quando se organizar a “Semana das Fazendeiras” (ESAV, 1931, s/p).

Observa-se que havia uma alta demanda que requisitava cursos de formação feminina. Em 1931, a Semana das Fazendeiras — proposta por Bello Lisboa — ainda não tinha saído da condição de projeto, e a estratégia criada pela ESAV foi ofertar um curso isolado, como o Curso Feminino Profissional. Além disso, as reivindicações de fazendeiros e suas esposas que habitavam a região não paravam de acontecer, requisitando não apenas espaços de formação feminina para a direção da ESAV, mas também providências, solicitadas ao presidente do estado, para que fossem implementadas ações de formação para o público feminino:

Revelando nítida compreensão da finalidade inspiradora da reunião de quantos desejassem aprimorar conhecimentos de utilidade pratica, nos ensinamentos ministrados nesta casa, mil e seiscentas senhoras e senhoritas do município de Ubá pediram ao dr. Olegario Maciel, então Presidente de Minas, permitisse que, ao invés da <<Semana das Fazendeiras>>, se fizesse, por tempo mais dilatado, uma série de preleções e demonstrações practicas, tanto ás fazendeiras quanto ás filhas dos fazendeiros” (REIS, 1935, s/p).

Diante da ausência de fontes sobre a Semana das Fazendeiras¹⁸, consideramos que o Curso Feminino Profissional — que contemplou oito temas relacionados à formação feminina em 1931 — criou um ambiente propício à formação das mulheres, inspirando a criação de outros, como o Mês Feminino, em 1935. Isso se somou às diversas reivindicações da comunidade local e regional que frequentavam a ESAV, fosse no seu contato cotidiano por meio das relações próximas estabelecidas pela Instituição com os fazendeiros, fosse nos eventos recorrentes, como a Semana dos Fazendeiros, que acontecia desde 1929.

Em Castro e Alves (2017), a Semana das Fazendeiras e o Mês Feminino são tratados como o mesmo evento, no entanto as fontes utilizadas nesta pesquisa revelam que foram ocasiões distintas. O Mês Feminino é solicitado por uma insatisfação com a curta duração da Semana das Fazendeiras. Observamos, na *Folha Rural*, supracitada, que havia uma reclamação sobre o tempo das “preleções”, justificando que as aulas/cursos ofertados precisavam de um tempo mais ampliado para dar conta da demanda existente. Assim, foi proposto que a Semana das Fazendeiras se transformasse em Mês Feminino.

Percebemos, portanto, que a criação do Mês Feminino vem como uma demanda das mulheres,

¹⁸ Não foi encontrado um conjunto de fontes que permitisse compreender, de forma mais detalhada, a Semana das Fazendeiras. Tal evento é citado no Regulamento da ESAV de 1931, em seu artigo 20º, e também quando as mulheres solicitam que, em vez da Semana das Fazendeiras, fosse realizado o Mês Feminino, justificando que a Semana das Fazendeiras teria tido curta duração. De “Semana” das Fazendeiras passaria a “Mês” Feminino.

não um evento dado pela gestão de Bello Lisboa, o que pode ser interpretado quando essa construção não é destacada. Ao afirmar que 1.600 senhoras e senhoritas do município de Ubá se organizaram para fazer a solicitação, podemos perceber a participação e a mobilização das mulheres do campo para compor os cursos esavianos. A partir disso, Olegário Maciel encaminhou o pedido à Junta Administrativa da ESAV¹⁹, que deu parecer favorável, em 27 de julho de 1933, a para realização do Mês Feminino.

A's Exmas. Senhoras e Senhoritas que se interessam pela agricultura e pela vida rural: Primeiro <<Mez Feminino>>, a realizar-se na Escola Superior de Agricultura e Veterinaria do Estado de Minas Geraes, de 7 a 26 de janeiro de 1935, sob o patrocínio das Senhoras e senhoritas relacionadas com o estabelecimento (REIS, 1935, s/p).

A participação feminina tende a ser silenciada quando tais conquistas não são ressaltadas, destacando apenas a organização de Bello Lisboa. Como nos apresenta Nora (1993, p. 9), a memória é sempre suspeita para a história, “cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é o desligamento do passado vivido”. Neste estudo, apresentamos um *corpus* documental que permite delinear projetos e ações de homens, nas quais o silenciamento das mulheres e seu lugar de subserviência é perceptível. A ausência de uma memória espontânea capaz de atentar para a participação feminina e a necessidade de demarcar o Mês Feminino constituem os “lugares de memórias”, nos termos do autor. São fragmentos do que foi deixado, com os quais podemos, por meio das construções históricas, ressaltar um “lugar de memória”, no qual a mulher aparece resistindo ao silêncio, protagonizando reivindicações que, em condições desiguais de poder, foram travadas na Instituição em diferentes tempos e espaços.

O controle dos discursos para que as mulheres sejam colocadas na passividade é um mecanismo para manutenção dessa ordem dominadora (BOURDIEU, 2012). Apesar de não ser assim apresentado, o evento criado por mulheres ligadas à vida rural foi pioneiro e usado como mais um ato inovador da ESAV com seu propósito de valorização técnica necessária ao desenvolvimento da pátria.

O <Mez Feminino> é, no gênero, a primeira reunião que vae logar em Minas e quiçá no Brasil, o que bem demonstra que a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais visa, além do preparo tecnico dos seus alumnos espalhar a maior somma de bons conhecimentos pela maior quantidade de pessoas (REIS, 1935, s/p).

A participação no evento foi efetivada mediante inscrição prévia, que aconteceu a partir do dia 31 de dezembro de 1934. Foram oferecidas quatro categorias de cursos: 1) Agrícolas; 2) Domésticos e Sobre Hygiene; 3) conferências ou palestras educacionais e sociais; 4) Educação Physica e Prática de Desportos. Assim como os primeiros cursos da ESAV atentaram para a lógica da prática local e atenderam diferentes públicos, o Mês Feminino não foi diferente.

7. Os cursos para fazendeiras terão caracter de demonstração e duração de duas horas, cada um.

8. Os cursos para professoras e fazendeiras, que nestes se inscreverem, terão duração até de 9

¹⁹ Em dezembro de 1931, foi aprovado um novo regulamento para a ESAV, dando autonomia administrativa e financeira à Instituição, porém formou-se uma Junta Administrativa, que estava subordinada ao Governo de Minas Gerais. A junta era composta por representantes das diferentes zonas do estado, não podendo o da Zona da Mata residir em Viçosa (RIBEIRO, 2006).

aulas de duas aulas, teórico-práticas conforme os cursos, e denominar-se-ão <<Cursos Breves>>.

9. A's alunas que terminarem cursos breves será fornecido atestado, de acordo com o Regulamento da Escola (REIS, 1935, s/p).

Foi oferecido o serviço de internato a 150 alunas, com a predefinição de que elas deveriam arcar com suas despesas, o que evidencia o público atendido²⁰. Para a realização do evento, a escola buscou conseguir auxílio da Secretaria de Educação, da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, da Cruz Vermelha Nacional, da Associação Brasileira de Educação, das professoras primárias e de cursos normais do estado de Minas. Além desses órgãos, solicitaram apoio a educadoras e fazendeiras (ESAV, 1935). O apoio de tantas pessoas e instituições demonstra a grandiosidade e a importância do evento, reconhecidos principalmente por setores mais relacionados à educação que ao desenvolvimento agrícola.

Como ressaltam Oliver e Silva (2007), o caráter científico desses cursos oferecidos à educação feminina, iniciados nas décadas de 1930 e 1940, tinha o intuito de preparar as mulheres para exercer o seu papel de reprodutoras dos herdeiros. As mulheres não eram colocadas como detentoras de conhecimento e mão de obra necessária ao projeto modernizador. O compromisso delas com a pátria se dava por meio da reprodução e dos cuidados com o lar, e a profissionalização foi usada como forma de mantê-las em casa. Era a ocupação do espaço público com uma profissionalização do trabalho doméstico, portanto uma formação no espaço público para um melhor desempenho no espaço privado.

Outro ponto que sinaliza a importância do Mês Feminino foram as contribuições bem como convidadas e convidados ilustres que fizeram parte desse momento. Nesse contexto, destaca-se a Associação Brasileira de Educação²¹, que, em resposta à solicitação de apoio, enviou sócias/os para o oferecimento de atividades. Entre eles estavam Branca Fialho, que falou sobre educação profissional feminina; Anna Amélia Carneiro de Mendonça, sobre a Casa do Estudante; Heloísa Torres, sobre sociabilidade rural; Paulo Carneiro, sobre as vias de comunicação como agentes de conforto e progresso; Venancio Filho, sobre organização de bibliotecas; Faria Góes, sobre educação secundária; Paschoal Lemme, sobre educação materna; C. Mello Leitão, sobre educação normal; J. Moreira de Souza, sobre educação rural; e Olinto de Oliveira, sobre educação infantil²².

A presença desses e dessas palestrantes vindos de outros locais sinaliza a relevância do evento. Ressaltamos as mulheres, as quais apresentavam formação e atuação marcantes em causas sociais, sobretudo as de interesse feminista. Branca Fialho, Anna Amélia e Heloísa Alberto alteram o panorama do primeiro curso ofertado na ESAV — o Curso Feminino Profissional, em que havia apenas homens como responsáveis pelas aulas. Suas trajetórias são marcadas pelo envolvimento na formação feminina.

Branca Fialho (1895-1965) era proveniente de uma família privilegiada economicamente.

²⁰ Programado para acontecer em três anos, em 1935, o evento contou com a participação de 212 mulheres; já em 1936, esse número aumentou para 364 e, em 1937, para 370.

²¹ A Associação Brasileira de Educação (ABE) foi criada em 1924, no Rio de Janeiro, por intelectuais de diversas áreas, como professores/as, jornalistas e escritores/as, que se reuniam e realizavam eventos para discutir a educação brasileira como caminho para o desenvolvimento do país (BURLAMAQUI, 2013).

²² Ao longo das referências às mulheres e aos homens no meio profissional, foi possível identificar as diferenças no pronome de tratamento para se referir a eles e elas. Em menção aos homens, a carreira profissional é ressaltada, normalmente por meio do termo “Doutor”, enquanto as mulheres são tratadas como “Senhoras”, um tratamento moral e desligado da carreira.

Recebeu uma educação de qualidade e humanística. Educadora, foi membra fundadora da Associação Brasileira de Educação e do Instituto Brasileiro Estados Unidos. Lutou nos movimentos pelos direitos das mulheres. Seus trabalhos lhe renderam a Medalha Rui Barbosa.

Anna Amélia Carneiro de Mendonça (1896-1971), poetisa e tradutora de importantes obras como a de William Shakespeare, contribuiu para a fundação da Casa dos Estudantes do Brasil e da União Nacional dos Estudantes, em que foi presidenta. Foi a primeira mulher a integrar o Tribunal Eleitoral Brasileiro. Feminista, teve participação ativa na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Heloísa Alberto Torres (1895-1977) foi antropóloga. Sua aprovação em primeiro lugar no concurso para professor substituto da Divisão de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional em 1925 lhe rendeu o reconhecimento pela imprensa como uma vitória do feminismo. Foi diretora do Museu Nacional por 20 anos e conselheira do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional. Também exerceu papel significativo no Conselho Nacional de Proteção aos Índios e participou da criação da Funai.

No que tange à presença dessas mulheres para lecionar nos cursos, ressaltamos que também é muito significativa. Vinham do Rio de Janeiro, onde estavam todas envolvidas com a luta pelos direitos das mulheres. Quando percebemos feministas ocupando esses espaços, notamos como as lutas estavam muito vinculadas à conquista da vida pública.

Contudo, ainda percebemos uma desproporção de gênero em um evento feminino com temáticas entendidas como próprias para mulheres: não observamos uma divisão sexual da temática apresentada. Os temas discutidos pelos homens eram socialmente definidos como femininos. Essa autorização parte de uma visão androcêntrica colocada como neutra, fazendo com que os homens não busquem justificar ou usar discursos para legitimar seus comportamentos, ou seja, a predominância deles em áreas socialmente colocadas como femininas não causaria tanto alvoroço como o contrário, pois são autorizados a falar sobre tudo (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Ao focarmos os cursos ofertados, percebemos um predomínio de áreas voltadas à saúde humana, revelando a preocupação com a saúde pública do período. Os médicos e as elites intelectuais do Brasil passavam a interpretar os erros alimentares como causa da mortalidade infantil, a qual colocava em risco o futuro do país. Dessa maneira, as ações pedagógicas se voltavam para a formação das mulheres, mães e futuras mães (FREIRE, 2014, p. 985).

Aula de puericultura no *Mês Feminino* de 1935



Fonte: Locus UFV

As enfermeiras ministravam ensinamentos sobre a higienização que iam desde a limpeza adequada dos utensílios até as explicações sobre a fisiologia do sistema digestivo das crianças. Por

meio da observação da figura acima, supomos que a mulher ao centro seja a enfermeira, e ao redor estariam as cursistas envolvidas no processo de transformação do lar em um laboratório. A ligação das mulheres com esse novo papel conta com as soluções concretas aos problemas alimentares das crianças e as vantagens da valorização dos afazeres femininos. Como percebemos com o Mês Feminino, essa era a oportunidade de ingressar no mundo acadêmico e profissional da ciência (FREIRE, 2014, p. 987).

Os cuidados com a alimentação imputavam certa cientificidade à cozinha, colocando as mães como nutricionistas da família. A atenção médica e do Estado para o lar permitiu que as mulheres usassem esses espaços para alcançar uma melhor formação. A função máxima feminina passava a exigir cuidados que as colocavam em contato com os ambientes de construção do conhecimento científico. “A mulher participa alegremente desta evolução porque lhe grangêa a independência econômica e os horizontes se alargam para a sua actividade” (REIS, 1935, s/p).

Bourdieu (2012) indica que a manutenção da dominação masculina não está principalmente onde se espera, dentro da unidade doméstica, local a que o discurso feminista deu maior ênfase. Ela se encontra nos espaços que nos elaboram e moldam, incutindo princípios de dominação, como a escola e o Estado. Os cursos oferecidos às mulheres mostram a permanência dessa estrutura de gênero desigual, em que a profissionalização feminina é usada para o cuidado com o lar. As mulheres não são colocadas em uma posição individual; na realização de uma atividade do próprio interesse, suas ações são em função do bem de outrem, seja do marido, seja do filho, seja do lar. São tratadas como símbolos que se compõem fora delas e têm a função de ajudar no aumento do capital simbólico em poder dos homens.

Criado a ESAV o Mez Feminino, quis, mais uma vez, patentear a todo o Brasil o incalculável desejo de, atacando esse importante problema, estimular as fazendeiras a uma cooperação mais estreita com os seus maridos, nas lides da fazenda; preparar as jovens filhas do campo à constrição mais hígida de seus lares, tornando-as, com as noções da Agricultura moderna, fazendeiras mais valiosas, e quis também, convidando a participar dos seus trabalhos de rudimentos de Agricultura, desde as escolas primárias, despertar na infância a tendência para os estudos agrônômicos. Assim, a todas predispões a receber com mais entusiasmo os ensinamentos dos bandeirantes da economia Brasileira do presente e do futuro- os agrônomos (ESAV, 1939, s/p).

Apesar de as mulheres realizarem e participarem desses eventos, elas foram entendidas como auxiliares e colaboradoras do desenvolvimento. Os cursos iniciados na ESAV para os homens prometiam fazer dos filhos dos fazendeiros os grandes líderes da modernização do campo. Às mulheres a liderança não chega a ser cogitada: a submissão permitia que elas fossem lembradas apenas por serem responsáveis pela educação inicial daqueles que seriam capazes de desenvolver o país.

Contudo, mesmo ocupando locais pensados por e para os homens, essas mulheres se utilizaram das formações permitidas em um cenário de limitações para a consolidação de trajetórias educativas e profissionais a fim de alcançar essa profissionalização mesmo que por meio de uma atuação científica voltada aos cuidados com a família. A formação para os cuidados com o lar foi uma grande alternativa para o acesso a espaços educativos.

Considerações finais

O desenvolvimento de estudos sobre a presença das mulheres na ESAV pode percorrer diferentes caminhos, seja analisando as trajetórias dos sujeitos envolvidos nesse processo, seja identificando os

cursos oferecidos. Optamos, aqui, por analisar os cursos extensionistas da ESAV para atender ao público feminino em meio a um contexto de mudanças nas relações de controle sobre os corpos femininos. Atentamos para o desenvolvimento gradual dos espaços de acesso para mulheres durante as décadas de 1920 e 1930, em uma instituição que se funda voltada ao público masculino e com inspirações extensionistas.

Tendo em vista a importância e as mudanças do início do século XX, levamos em consideração as noções entre vida privada e pública, uma vez que a saída das mulheres do lar para as ruas esteve para além das mudanças que envolviam o acesso aos espaços educativos. Os desafios em permitir o acesso feminino à educação escolar resultaram na ausência de uma trajetória que permitisse chegar ao ensino superior. As poucas mulheres que tiveram acesso à formação contaram com uma profissionalização feminina muito restrita aos lugares de cuidado, o que foi transformado por elas em fundamental para alcançar espaços variados.

A princípio, acreditávamos que encontraríamos um espaço exclusivamente masculino, com uma presença restrita das esposas dos professores; no entanto, deparamo-nos com as funcionárias, divididas entre a secretaria e alguns serviços para manutenção do internato, e conseguimos ir além, percebendo a organização dessas mulheres, como na consolidação da Associação Feminina “Effie Rolfs”.

A dificuldade para se encontrar fontes referentes às personalidades femininas também foi algo marcante. Diante dessa fronteira histórica e da ausência de estudos sobre mulheres em Viçosa no início do século XX, optamos por compreender as transformações vivenciadas na Instituição a partir da lógica progressista adotada pelo discurso oficial. Porém, são necessários estudos sobre a história das mulheres viçosenses para pensar a presença feminina perante essas fronteiras de acesso à universidade.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres no cotidiano**: educação e regras de civilidade (1920/1950). Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória, v. 33, p.336 – 359, 2014.

AZEVEDO, Denílson. **Melhoramento do homem, do animal e da semente**. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2005.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Decreto nº 10.154, de 15 de dezembro de 1931. **Aprovação do novo Regulamento da ESAV – MG**.

BRASIL. Lei nº 272, de 31 de novembro de 1948. **Criação da Escola Superior de Ciências Domésticas**. Link: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-272-1948-minas-gerais-cria-a-universidade-rural-de-minas-gerais>

BURLAMAQUI, Mariana Mello. **A Associação brasileira de educação como uma instituição de divulgação das ciências**, 2013. Disponível em < http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh6/SHVI/trabalhos%20orais%20completos/trabalho_05.pdf > Acesso em: 30 nov. 2018.

CASTANHA, André Paulo. As fontes e a problemática da pesquisa em história da educação. In: Paulino José; CASTANHA, André Paulo; e outros (Orgs.). **História da educação**: levantamento de fontes e instituições escolares. Cascavel: Coluna do Saber, 2008, s/p.

CASTRO, Maria Gontijo; ALVES, Daniela Alves de. Ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Viçosa: origem e trajetória institucional (1926-1988). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 70, p. 752-773, jul. 2017.

COSTA, Priscila Trarbach. **O acesso da mulher ao ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESAV. **Escola Superior de Agricultura e Veterinária**. Viçosa, 1939, s/p.

ESAV. **Estatuto da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**. Viçosa, 1929, s/p.

ESAV. **Registro de trabalho do Primeiro Curso Profissional Feminino**. Viçosa, 1931, s/p.

ESAV. **Regulamento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais**. Viçosa, 1931, s/p.

ESAV. **Relatório anual da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**. Viçosa, 1931, s/p.

FREIRE, Maria Martha de Luna. A puericultura em revista. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 24, nº 3, p.973 – 993, Set., 2014.

LOCUS UFV. **Aula de puericultura no Mês Feminino de 1935**. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/7755/04.01.08.00-04.jpg?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18/06/2020

LOPES, Maria de Fátima. **O sorriso da paineira**: construção de gênero em Universidade Rural. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. v. 3, República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 368 – 422.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Proj. História**. São Paulo, nº 10, dez. de 1993.

OLIVER, Graciela de Souza; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ceres, as mulheres e o sertão: representações sobre o feminino e a agricultura brasileira na primeira metade do século XX. **Cadernos Pagu** (UNICAMP). Campinas, v. 29, p. 365-397, Dez., 2007.

RABELO, Josiane Oliveira; COSTA, Marta Oliveira; Martins, Bárbara Tavora de Souza. A educação feminina no Brasil em meados do século XIX e início do século XX. In: **Enfope**. Anais. Aracaju: Enfope, 2015, p. 1-14

REIS, Advincula L. Mez Feminino. **Folha Rural (ESAV)**. Folha Doméstica. Viçosa, 01/jan/1935, s/p.

REIS, Advincula L. O Mez Feminino. **Folha Rural (ESAV)**. Viçosa, 20/fev/1935, s/p.

RIBEIRO, Maria das Graças. Caubóis e Caipiras. Os land grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. **Revista História da Educação**, Pelotas, v.10, n.19, p.105 – 120, 2006.

Submetido: 15/09/2021

Aceito: 20/09/2022